ISBN - 972-8765-02-9

Actas

XXI ENCONTRO DA APEAA

Viseu - 6 a 8 de Abril de 2000

Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos

MINDWALK NO CASTELO DO BARBA AZUL - NOTAS PARA UMA REDIFINIÇÃO DA CIDADANIA

JOSÉ EDUARDO DOS REIS
UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

A reflexão de grande estilo em torno do conceito de cidadania terá necessariamente de convocar os diagramas da história, a rememoração dos textos fundamentais proclamadores dos direitos humanos, o exame da filosofia política dos pensadores modernos, as referência à dessacralização da noção de poder, à transformação do direito divino em direito civil, à génese das ideias de progresso, de contrato social, de estado-nação. Terá pois de ser uma reflexão produzida no campo da história das ideias onde se compaginem dados relevantes da história da civilização ocidental, alguns deles tributários da história social inglesa e do pensamento político britânico. Com objectivos teóricos mais modestos, alguns desses tópicos serão pontualmente convocados na nossa comunicação, cuja finalidade é problematizar o conceito de cidadania activa à luz da apresentação de algumas das ideias e princípios teóricos de uma nova e emergente filosofia da ciência, pedagogicamente divulgados no filme Mindwalk

Por uma questão de método dividiremos a nossa exposição em duas partes. E começaremos por referir que o tema da cultura e cidadania que lhe serve de pretexto faz activar a destrinça e a clarificação conceptual dos vocábulos civilização e cultura. Quanto a este último termo, a sua determinação semântica só é possível se se admitir que o seu valor de uso é multi-discursivo, isto é que a palavra cultura pode discretamente ocorrer numa variedade de contextos de enunciação e explicitação: (i) enquanto termo designador de sentidos díspares e inventariáveis (determinação por via etimológica-lexicográfica: e.g., a cultura é ...); (ii) enquanto termo agregado a um definido campo de estudos (determinação por via disciplinar-científica, seja ela a da história, a da antropologia, a da sociologia: e.g. a cultura medieval, a cultura dos bosquímanos, a cultura da inteligentsia urbana); (iii) enquanto termo objecto de teorização e problematização (determinação por via das humanidades - literária, ensaística, filosófica: e.g - notas para uma definição da cultura (Eliot); notas para uma redifinição de cultura (Steiner)); (iv) enquanto termo constituinte de um objecto de saber (determinação por via epistemológica e académica-curricular - e.g. o vasto e multímodo âmbito de investigação dos "cultural studies"). Estes diferentes mas interligados contextos de enunciação fazem supor que estamos diante de uma palavra que tem a sua história e que admite (pelo menos) quatro níveis de categorização, tal como Chris Jenks no-lo propôs no seu livro Culture: como categoria cognitiva, i.e

enquanto estado mental associado à ideia - central em Matthew Arnold - da perfectibilidade ontológica; como categoria colectiva, reificada sob a forma de bens simbólicos (crenças, rituais, costumes) orientadores de uma comunidade humana; como categoria descritiva, envolvendo todas as formas de produção artística e intelectual reconhecidas numa dada formação social; e, finalmente, como categoria social, isto é, cultura entendida como o modo geral de ser de um povo (Jenks 1993: 11-12).

O conceito de cultura que, como se sabe, adquiriu o seu estatuto epistémico no âmbito das humanidades e das ciências sociais por via de uma metaforização do significado original latino atinente com a actividade rural do cultivo do solo e com os processos agrícolas destinados à produção de bens alimentares, é um conceito que emergiu em meados do século XVIII, primeiramente no contexto da tradição linguística alemã para depois se difundir às tradições quer das línguas românicas e eslavas quer da língua inglesa, e que passou a circular como sinónimo do termo civilização. Ambos os termos (cultura e civilização) comportam vulgarmente dois significados, o da perfectibilidade e o da criatividade do ser humano. Ora esta sinonímia dos termos, mas também a sua discreta determinação, suscitam curiosas anotações filológicas que se adequam à temática deste colóquio.

Informa-nos o clássico inventário da autoria de Kroeber e Kluckhohn - Culture : A Critical Review of Concepts and Definitions - que o termo civilização é cognato do de cidadania, uma vez que etimologicamente remonta à palavra latina civis (cidadão), a qual deu origem a civitis (a cidade-estado) a civilitas (cidadania) e à medieval civitabilis (titular de cidadania; pertencente à urbe). Porém, a palavra civilização não regista ocorrência no latim clássico, mas parece ter sido formada no contexto renascentista do uso da língua francesa, a partir do verbo "civiliser". O mesmo sucedeu na língua inglesa, em que o nome (civilization) deriva do verbo (to civilize), o qual designa o processo político de socializar e admnistrar o outro; ou seja na língua inglesa - como faz notar Huizinga - a palavra para nomear o acto de se tornar civilizado precedeu e determinou a palavra que indica a condição de ser civilizado (Kroeber 1952: 11).

Apesar de os termos civilização e cultura terem adquirido, a partir do século XVIII, um significado e um valor de uso comum intermutável, designando a ideia geral de progresso social e de refinamento humano, o primeiro deles (civilização) prevaleceu enquanto categoria descritiva, até se tornar equivalente e depois substituído pelo segundo (cultura), quando, a partir dos contributos da sociologia e sobretudo da antropologia da segunda metade do século XIX, a cultura passou a ser entendida como todo o conjunto de práticas e formas simbólicas socialmente produzidas, ou na definição de Kroeber, como "a set of attributes and products of human societies, and therewith of mankind, which are extrasomatic and trransmissible by mechanisms other than biological heredity, and are as essencially lacking in sub-human species as they are

characteristic of the human species as it is aggregated in its societies" (145). Assim, e se bem que o uso erudito e científico e a discreta determinação conceptual de ambos os termos conheça variações de significado dependentes das diferentes tradições nacionais e linguísticas em que ocorrem, pode assinalar-se esta sua curiosa dissemelhança de raiz etimológica: a ideia de cultura, associada a processos rurais de aproveitamento e modificação das condições dadas da natureza, remete para o sentido aperfeiçoador e transformador das potencialidades humanas; a ideia de civilização, relacionada com práticas sociais de convívio humano entre cidadãos, remete para o sentido da organização e admnistração da cidade. Dissemelhança que, além de parecer reproduzir no plano filológico a universal dualidade campo/cidade, traduz no plano doutrinal-filosófico, a discreta combinação, formulada por Kant, das ideias de auto-ilustração e de aperfeiçoamneto moral colectivo: "We become cultivated through art and science, we become civilized [by attaining] to a variety of social graces and refinements [or decencies]" (Kroeber 1952; 11). A referida dualidade lexical está ainda bem presente na doutrina que enformou o programa da Encyclopédie, publicada entre 1751 e 1780. Nesta, apenas se contemplou a noção de cultura como actividade agrícola, enquanto que a ideia de civilização surge aí identificada com a noção de urbanidade ou civilidade, no artigo Civilité, Politesse, Affabilité. Percebe-se por este título que o entendimento atribuído pelos enciclopedistas à ideia de civilização preserva ainda a significação etimológica latina conotada com a ideia - neste caso mais enfaticamente ética e axiológica do que propriamente política - de cidadania. Esta influência do pensamento iluminista francês e esta ênfase do plano ético sobre o social-político na configuração da noção de cidadania foi aliás acolhida por Samuel Johnson que, no seu famoso A Dictionary of the English Language de 1755, preteriu o conceito de "civilization" a favor de "civility", opção que mereceu o seguinte comentário do seu biógrafo e ferveroso admirador, James Boswell, registado no seu diário de 23 de Março de 1772: "I found him busy preparing a fouth edition of his folio Dictionary. He would not admit "civilization", but only "civility". With great deference to him, I thought "civilization" from "to civilize", better in the sense opposed to "barbarity", than "civility". (12)

Mas a noção de cidadania, conquanto agregada por via da etimologia e da evolução da história das ideias, ao conceito de civilização - conceito este, como vimos, se não isomorfo pelo menos sincrético do de cultura (é frequente os dicionários definirem por implicação recíproca ambos os termos) -, só adquiriu relevância política em consequência da progressiva exigência reflexiva doutrinal, nos campos do pensamento filosófico e da jurisprudência, e da extensiva conquista social da ideia de liberdade. Ideia que só faz pleno sentido se estiver consubstanciada em e for concomitante do reconhecimento jurídico de direitos (e naturalmente de deveres) humanos. As três declarações dos direitos do homem e do cidadão, redigidas em

sintonia com a dinâmica da revolução francesa - à de 26 de Agosto de 1789, a de 24 de Junho de 1793 e a de 22 de Agosto de 1795 - epitomizam no crepúsculo do século XVIII a consagração da noção política de cidadania, ao mesmo tempo que configuram o paradigma organizativo e admnistrativo da sociedade moderna. É claro que se podem identificar ou rastrear antecedentes jurídicos e constitucionais do reconhecimento dos direitos, liberdades e garantias individuais - que enquadram e travejam a noção política de cidadania noutras culturas políticas - nomeadamente em outros artigos contidos em documentos em língua inglesa, elaborados com diferente alcance e amplitude doutrinal em variados contextos da história da Inglaterra ou a ela associados. A começar nos textos que proclamaram a deriva independentista das colónias americanas relativamente à coroa britânica, na Declaração de Direitos da Virginia de 1776 e na Declaração dos Dirieitos e Garantias da Constiuição Federal Norte-Americana de 1791, ou recuando no tempo, na própria English Bill of Rights de 1689, o avatar jurídico da Glorious Revolution que, além de assinalar historicamente a subordinação da monarquia inglesa/britânica ao poder legislativo do Parlamento, consagrou, na esteira de outros documentos, como a Petition of Rights de 1628 e a própria Magna Carta de 1215, direitos e liberdades individuais aos membros das classes economicamente emergentes e ideologicamente proeminentes da população inglesa.[1] Do ponto de vista histórico, qualquer desses documentos desempenhou um valor instrumental e pragmático na configuração e na progressiva consagração da ideia de cidadania, a qual, do ponto de vista teórico-filosófico, surgiu enquadrada pela reflexão - de resto bastante dissemelhante - dos pensadores políticos britânicos do século XVII, como Thomas Hobbes e John Locke, sobre a constituição e admnistração dos direitos da cidade (dos direitos políticos) e sobre a noção de contrato social (termo indicador da passagem do estado de natureza ao estado civil), isto é sobre o processo formador da sociedade civilizada.

De entre os direitos da cidade que mais lentamente foram reconhecidos no devir do processo histórico conta-se o da liberdade de expressão, indissociável do da liberdade de imprensa, e ao qual John Milton dedicou uma estrénua defesa de princípio na sua famosa oração clássica Areopagitica (1644). John Milton que é também o autor da elegia Lycidas cujos primeiros doze versos servem de pretexto e exemplo ao ensaísta contemporâneo George Steiner para demonstrar no último capítulo do seu ensaio In the Bluebeard's Castle (1971) o processo de decomposição do substrato literário da cultura ocidental. Digamos em síntese que Steiner, ao reinterpretar o conceito humanista de

[1] Talvez não seja abusivo considerar o artigo 39 da Magna Carta como uma das pedras angulares da constituição da noção política-jurídica de cidadania, enquanto noção consagradora de direitos e liberdades individuais: "No freeman shall be captured or imprisoned or disseised or outlawed or exiled or in any way destroyed, nor will we go against him or send against him, except by the lawful judgment of his peers or by the law of the land" (Blakeley 66)

cultura problematizado por T.S. Eliot em Notes Towards a Definition of Culture, aponta o desastre humano das duas guerras mundiais como uma denegação irreversível da dimensão social e educativa da cultura literária e dos modernos valores civilizacionais da razão e progresso. As conclusões do ensaio são assaz apocalípticas, e o Castelo do Barba Azul é uma alegoria para cifrar os temerosos efeitos derivados da transformação de uma cultura cuja força motriz deixou de ser constituída pela inocente sofisticação da eloquência verbal e literária para passar a ser dominada quer pela omnipresente "esfera" da música/ruído quer, sobretudo, pelo potencial destrutivo de uma ciência praticada sob o signo da vontade fáustica de conhecer para dominar. Segundo Steiner, a actual fase de desenvolvimento da nossa civilização ocidental não apenas se define por ser pós-cultural e pós-literária como está na iminência de abrir portas a domínios perigosamente incontroláveis do conhecimento, que poderão confirmar os piores dos temores associados à prática científica desde que esta produziu os meios técnicos que possibilitam a auto-destruição da humanidade.

Steiner é um humanista e um literato que reflecte ensaisticamente sobre a evolução da cultura ocidental no nosso século e sobre o crepúsculo do papel central que nela ocupou a literatura. E esse crepúsculo, segundo as suas premissas, parece operar como sinédoque do ocaso não só da civilização da escrita e da leitura como prelúdio do ocaso da história e das condições gerais da sobrevivência da humanidade. O discurso de Steiner encerra uma fascinante diagnose e uma sombria prognose. O seu tom, sem ser moralista, é claramente elegíaco e reverberador do tom do poema de Milton que lhe serve de mote para desenvolver o seu argumento. E embora a sua prognose seja legítima, ela decorre de um entendimento teórico / filosófico da ciência tal como esta foi concebida pela episteme moderna, isto é segundo o modelo cartesiano de pensamento aplicado à física de Galileu e de Newton. Legitimamente Steiner pensa o possível não futuro do mundo a partir das aplicações mais perigosamente incontroladas de um modelo de ciência que, apesar da sua indesmentível funcionalidade e da sua extraodinária eficácia na rigorosa explicação das leis da natureza, é, todavia, altamente redutor na compreensão compartimentada e fragmentada do mundo, responsável pelo progressivo desacerto entre o homem e a natureza e, em última análise, pelos efeitos suícidas da desresponsabilização ético-humanística dos seus autodesenvolvimentos teóricos.

No entanto, apesar da resistente auto-reprodução e da ainda hegemonia teórica desse modelo epistémico, são múltiplos e de vária origem os sinais de mudança do paradigma da ciência moderna. Não temos a intenção de aqui trazer esse assunto, até porque a sua matéria exige um saber especializado que não é o nosso. Mas tão somente - e aqui entramos na segunda parte da nossa comunicação - de avaliar em que medida esses sinais de mudança na concepção científica do mundo são indissociáveis da

necessidade de adquirir e aprofundar uma culta consciência de cidadania, que passa, nomeadamente, por uma despreconceituada recodificação dos nossos valores ético-sociais e por uma reaprendizagem dos direitos cívicos fundamentais em consonância com uma representação holista do mundo.

É neste sentido que aqui queremos fazer uma breve apresentação do filme Mindwalk, realizado em 1991 por Bernt Capra a partir do livro do físico teórico Fritjof Capra, The Turning Point, e no qual participaram os actores Liv Ullman (Sonia Hoffman), Sam Waterston (Jack Edwards) e John Heard (Thomas Harriman). Alarmado com os indicadores gerais sobre a situação ecológica do planeta, Fritjof Capra advogou no início da década de 90 a realização à escala mundial de uma campanha de educação pública visando não só o esclarecimento das populações como a adopção de medidas capazes de inverter a situação de catástrofe para a qual parece encaminhar-se irresponsavelmente a humanidade ou os sectores da humanidade que detêm a riqueza, o poder e a possibilidade de condicionarem mais determinantemente os rumos da vida política internacional. Num certo sentido, o livro e a versão dramática/cinematográfica The Turning Point retomam uma das mais pertinentes funções atribuídas à grande tradição do pensamento utópico ocidental, a de actualizar, a partir de indícios da realidade empírica, um potencial humano e social ainda-não-sucedido (para utilizarmos uma expressão filosófica de Ernst Bloch). Tanto o livro como a sua adaptação dramática constituem uma verdadeira crítica à razão científica moderna, configurando o esboço de uma epistemologia holística e de concretização da possibilidade de a sociedade mudar positivamente não por imposição politicamente coerciva mas por escolha auto-consciente e reesclarecida dos mecanismos de percepção e de conhecimento do mundo. Para isso poderá contribuir a difusão de uma nova filosofia de valores travejada por uma nova episteme, a da transdisciplinaridade do saber, genericamente designada por teoria dos sistemas. Teoria em processo de formulação e que procura reexplicar as leis gerais da natureza a partir das descobertas feitas no campo da física subatómica, um poético universo do conhecimento científico em que surgem drasticamente reconceptualizados as noções físicas fundamentais de matéria e energia.

Ao longo do filme Mindwalk assistimos a uma fascinante, pedagógica e acessível explicação dos fundamentos desta nova teoria por Sonia Hoffman (Liv Ullman), uma física quântica norueguesa temporariamente auto-excluída da prática da sua profissão em protesto contra o uso militar de uma descoberta científica de que fora autora, e a viver a sua sabática na ilha/península do Mont St. Michel, em França, com um duplo propósito, existencial e científico: o de reavaliar eticamente a sua vida profissional e o de se dedicar ao estudo das particularidades geofísicas daquele lugar como forma de contribuir para a formação de um novo modelo teórico da ciência. Os seus interlocutores são o poeta americano Thomas Harriman, também a viver

temporariamente em França por saturação do estilo de vida nova yorquino, e o seu amigo Jack Edwards, senador norte-americano que, no rescaldo da derrota como candidato às eleições primárias para a presidência dos Estados Unidos da América, sentira a necessidade de se afastar temporariamente dos círculos políticos de Washington para auto-clarificar o seu impasse político-existencial. As três personagens representam, portanto, três distintas visões do mundo, a filosófica-científica, a artística-poética e a prosaica-política. A intersecção das suas linhas de pensamento, - adequadamente matizadas pelos traços idiossincráticos das suas diferentes personalidades - configura o encadeamento de um acção dramática enunciadora de estimulantes pontos de vista, uma iluminante confrontação de universos discretos mas inter-activos do conhecimento e da experiência do mundo. À medida que vão passeando pelas ameias da fortaleza-ilha, visitando os seus espaços públicos e caminhando nas areias dos sapais envolventes, Sonia, Tom e Jack, em estilo peripatético, interrogam-se, esclarecem-se e pensam em comum questões filosóficas, científicas, políticas, sociais, ético-ambientais, todas elas de incidência no plano existencial, pertinentes para o aprofundamento axiológico da prática da cidadania, e que ora são.pespectivadas pelo pragmatismo admistrativo do político, ora pelo idealismo teórico da ex-cientista, ora pelo cepticismo contemplativo do poeta. A situação geral do mundo e da sociedade modernas são passadas criticamente em revista à luz dessas três perspectivas, e o que ressalta é o desconforto - mais acentuadado na cientista e no poeta do que no político - que os três manifestam em relação às irracionalidades de um sistema global em crise e gerador das mais absurdas antinomias: de carência e desperdício alimentar, de sobrepovoamento e esgotamento dos recursos naturais, de acumulação de riqueza e de penúria de meios elementares de sobrevivência, de complexificação técnica e desresponsabilização ética, de progresso material e empobrecimento espiritual. As três personagens, também elas em crise de direcção existencial, reagem a essa desolada consciência do mundo com graus de intensidade e com estratégias intelectuais diferentes: Jack, a voz pertinente do senso comum, acabando por evoluir, sob a influência das ideias científicas de Sonia, mas também pelo exemplo de resistência ética de Tom, para uma posição redifinidora do exercício da política entendida como uma nova "art of the impossible" e não como a velha arte de convencimento público - "a art of bringing people to agree on a certain course of action" ; Tom, a voz livremente descomprometida em relação a sistemas e conceitos, preservando a sua lúcida e poética consciência do sentido misterioso da vida, Sonia, a voz da urgência e da prudência femininas, procurando contribuir teoricamente para o projecto da formação de um novo modelo de ciência, susceptível de fornecer uma nova visão do mundo. A explanação dessa visão constitui, como já dissémos, o núcleo do filme Mindwalk. Dele destacamos

três momentos diferentes, suficientemente ilustrativos da sua temática e articuláveis com o desenvolvimento do nosso argumento.

O primeiro reporta-se ao encontro ocorrido em circunstâncias não programadas - (e o valor de conhecimento do acaso ocupa um papel importante neste filme como metáfora da teoria não determinista da ciência que nele se expõe) - entre Tom e Jack com Sonia na torre do da catedral do Mont St. Michel. Aí está instalada a engrenagem de um relógio cujo funcionamento constitui para Tom um símbolo da "humanity's real break from the world of nature". Interpelada por este a dar a sua opinião, Sonia responde : "the clock did much more than that. It became the model of the cosmos. And then they mistook the model for the real thing. People got the idea that nature was just a time clock, not a living organism, but a machine.". Entre diatribes lançadas por Sonia contra a visão tradicional e dicotómica da política - decorrente do modelo de racionalidade científica fundado pelo pensamento de Descartes - e as reacções de entusiasmo de Tom e de perplexidade de Jack, a conversa evolui para a crítica de Sonia à qualidade redutora e totalitária daquele modelo mecanicista de pensamento, fundado no postulado de que a natureza "functions like a clock", e que o seu conhecimento adquire-se por operações de decomposição analítica e de reconstituições sintéticas generalizantes: "You take it apart reduce it to a number of small, simple peaces, easy to understand, analyse them, put them all together again and then you understand the whole". Segundo Sonia, a generalização desse modelo funcional e eficaz do pensamento cartesiano acabou por se generalizar falaciosamenre a todas as áreas do conhecimento e da conduta humana "so successfully that the scientists came to believe that all living things, plants, animals, us, are nothing but machines."

Este encontro, que assinala o início da caminhada - do "mindwalk" - das três personagens, funciona como crítica preliminar, protagonizada por Sonia, ao paradigma científico dominante - o qual tem na física matemática de Newton o seu mais consistente modelo de conhecimento. Essa crítica tem, aliás, uma motivação mais pragmática do que teórica, uma vez que os indicadores sobre o estado global da natureza e sobre as assimetrias económico-sociais constituem a cabal demonstração, segundo Sonia, das insuficiências e das funestas consequências da aplicação tecnocrata daquele modelo de conhecimento científico. E é a propósito da descrição da natureza física da luz, em concreto da explicação de que esta se compõe de átomos - que, contrariamente ao que Newton supunha, não são pequenas partículas sólidas, mas "consist mainly of empty space" - que Sonia passa a explicar a noção subatómica de matéria. Essa explicação, entrecortada por oportunos pedidos de esclarecimento, comentários irónicos e analogias poéticas dos seus interlocutores, procura dar conta das principais descobertas realizadas no campo da microfísica e da concomitante perplexidade dos cientistas que, ao investigarem a dimensão subatómica da matéria -

nomeadamente a relação lógica-causal entre o seu vazio interno e a solidez física da sua manifestação perceptiva externa - depararam com um novo e impoderável universo para cuja descrição não possuíam uma linguagem conceptual adequada. Essa mesma perplexidade, transmitida a Jack e a Tom por efeito da explicação autorizada de Sonia, aumenta quando esta informa que medir a posição e o movimento das partículas subatómicas (electrões, protões, neutrões) prova que elas se manifestam segundo padrões de probabilidade, ou seja, que as partículas não existem em si, independentemente do observador, e que, portanto, manifestam "this strange existence between potentiality and reality."

E eis-nos chegados ao segundo momento do filme em que explicação científica, representação poética e visão mítica-cosmogónica coincidem. A cena passa-se numa capela, onde por momentos Sonia, Tom e Jack param para descansar, e é introduzida pelos acordes, tocados ao órgão por Tom, de uma famosa cantata de Bach. Tom termina e diz:

"So Sonia, life is a bunch of probability patterns running around ? Probability patterns of what?
Sonia - Of Interconnections. [...] not probabilities of things, but of interconnections.[...]
Jack - What are those other things? Please?
Sonia - They are interconnections of yet other things, which also turn out to be interconnections. And so on, and so on. You see, in atomic physics we never end up with any things at all. The essential nature of matter lies not in objects, but in interconnections."

Com alusões alternadas a Kepler, Shakespeare e Pitágoras, o diálogo evolui para uma dedução analógica entre as qualidades essenciais da interconexão e interrelação que presidem à composição da música e à organização da matéria, concluindo-se a cena com o seguinte esclarecimento de Sonia, imediatamente seguido pelos mesmos acordes da cantata de Bach executados pelo poeta Tom Harriman: " Yes. At the subatomic level, there is a continual exchange of matter and energy, between my hand and this wood, between the wood and the air, and even between you and me. I mean, a real exchange of photons and electrons. Ultimately, whether you like it or not, we are all part of one inseparable web of relationships."

Este segundo momento que seleccionámos do filme Mindwalk, compreendendo um dramatizado e pedagógico ensinamento sobre o princípio elementar da interconectividade do mundo da microfísica, funciona como contraponto quer à lógica da investigação científica quer à concepção da estrutura da matéria consubstanciadas no mecanicismo da filosofia de Descartes e da Física de Newton, ou seja, como prólogo à exposição de uma nova teoria ou ordem científica emergente. Isso

ocorre pela voz de Sonia em diálogo com Jack, o político, quando Tom, o poeta, começa a dar mostras de um certo distanciamento quanto à possibilidade de qualquer teoria ou metáfora científica, "whether they're computer chips or clocks", poder alguma vez representar a inefabilidade do fenómeno subjectivamente experimentado da vida em si. Antes, porém, e na sequência de um diálogo em que Tom estabelece uma analogia (e num certo sentido pode ler-se Mindwalk como uma valoração do pensamento analógico em detrimento do pensamento digital) entre o simbolismo mítico-religioso de Shiva, o deus hindú da dança, e o movimento cósmico das partículas, Sonia é levada a discorrer - num contexto em que deplora a total falta de civismo e de ética ecológica de uns circunstantes jovens adolescentes que, indiferentes à beleza do lugar onde se encontram, abandonam latas de refrigerantes no chão - sobre os perigos do cientismo, isto é da atitude fideísta em se tomar a ciência como uma religião. A partir da recordação de uma viagem a Hiroshima, e do choque que ali lhe provocou o monumento evocador da tragédia nuclear, um montículo de dois metros de altura coberto de relva contendo as cinzas das vítimas da bomba, Sonia, fazendo uso desse exemplo, lamenta, em tom de auto-recriminação, a ausência ou impreparação ética-humanista da prática e da aplicação tecnológica da ciência, e denuncia, em tom de desmistificação, a quase total subordinação das suas pesquisas ao financiamento das lógicas militares.

E é já na parte final do filme, expostos os temores apocalípticos decorrentes do cientismo, que Sonia passa a explicar qual o modelo de conhecimento científico que se perfila como alternativa à concepção mecânico-reducionista e de efeitos prejudiciais, se não mesmo fatais, ao equilíbrio ecológico e ao futuro geral da humanidade, nomeando os fundamentos do que ela designa por nova teoria da ciência, a teoria dos sistemas. Baseia-se esta em três princípios: o da auto-sustentação ou auto-organização - "it means that a living system, although depending on its environment is not determined by it" -, o da auto-renovação, que dá conta da "continuous structural change, but stability in the pattern of the systems" e o da auto-transcendência, que reconhece "that the basic dynamics of evolution is not adaptation, it is creativity [since] every living organism has the potential for [...] surprising and transcending itself." Esta exposição é posterior à cena em que Sonia ilustra a Jack o modo de percepção integrativo e de conhecimento holístico, por contraste com o modo de conhecimento analítico-cartesiano, usando como exemplo a árvore que têm diante de si. Interrogada sobre a forma de se compreender um objecto como uma árvore sem referir as partes que a constituem, Sonia responde:

"Well, I could. Whithout even naming the parts you mention. A cartesian would look at the tree and conceptually take it to pieces. But then, he would never really understand the nature of the tree. A system's thinker would look at the tree and see the seasonal exchanges between tree and earth, earth and sky. He would see the

annual cycle, which really is one big breath the earth takes through its forests, providing us with oxygen, a breath of life linking the earth with the sky and us with the universe. A system's thinker would look at the tree and see the life of the tree only in relation to the life of the whole forest. He would see the tree as a habitat of birds, a home for insects. But if you look at the tree and try to understand it as something separate, you would be bewildered by the millions of fruits it is producing in its lifetime, because only one or two trees will grow from those fruits. Though if you look at the tree and see it as a member of a larger living system, that abundance of fruits will make sense because hundreds upon hundreds of forest animals and birds will survive because of them. Interdependence. And the tree cannot survive on its own either. To draw water from the ground, it needs the fungus that grows to the tip of each root and the fungus needs the root to survive, and the root needs the fungus: if one dies the other dies. And there are millions of relationships like this in our world each depending on each other for life. The system's theory recognises this web of relationships as the essence of all living things. Only the uninformed could call such notion naive or romantic. Because this dependency we all share, it's a scientifical fact."

Retenhamos a expressão "interdependence" como a palavra chave ou o conceito medular da teoria dos sistemas que aqui se esboçou e que parece configurar a emergência de um novo paradigma do conhecimento científico. Queremos destacá-lo no final desta comunicação em que regressamos ao tema da cultura e cidadania. Ao estabelecermos na primeira parte deste trabalho a determinação histórica-conceptual dos conceitos em apreço, a qual aponta para a indissociabilidade ou complementaridade do seu significado, tivemos a oportunidade de passar em revista alguns dos documentos que consagraram os direitos universais do homem que, no fundo, estão na origem e consubstanciam a ideia geral de cidadania enquanto atributo designador de um complexo de direitos e deveres individualmente reconhecidos e responsavelmente assumidos pelos membros da polis. O aprofundamento dessas prerrogativas e obrigações estão na ordem do dia nesta nossa atónita e decisiva era nuclear, e os sinais de auto-responsabilização da humanidade pelo seu futuro e pelo das múltiplas formas de vida na Terra apontam para uma urgente necessidade de se superar a crise geral de percepção - de que nos fala Sonia - determinada em grande parte pela crise da filosofia do conhecimento da ciência moderna. A cultura da cidadania passa por reinventar urgentemente a noção, tão basilar no pensamento político moderno, de contrato social, pelo qual os filósofos políticos modernos reconheceram que a passagem do estado de natureza ao estado civil se fundamentou num consentimento originário colectivo que garantiu a preservação das condições de vida em grupo da humanidade. Para que as portas se abram a um futuro sem a ameaça das cinzas de Hiroshima mas justificado pela música de Bach parece ser necessário reinventar a consciência e a prática política da

cidadania, já não segundo a matriz da física galilaica-newtoniana, mas da física das partículas, com a lúcida consciência de que a sociedade dos homens se governa, na vida e na morte, pelo reconhecimento dos princípios cósmicos da simpatia e da solidariedade,tal como isso é dito nas linhas de John Donne, citadas por Tom Harriman: "no man is an island . [...] entire of himself, every man is a piece of the continent a part of the main. Therefore never sent out to know for whom the bell tolls, it tolls for thee." Mas também com a estóica atitude de saber que o conhecimento científico não desvenda o enigma do ser, e de que nos labirintos conceptuais da ciência se pode soçobrar na angústia da decifração do sentido da vida, tal como isso é dito nos versos de Pablo Neruda, citados em inglês ainda por Thomas Harriman: " I'm nothing but the empty net / which has gone on ahead of human eyes / dead in the darkness / a finger accustomed to the triangle longitudes / in the timid globe of an orange. / I walk around like you, / investigating the endless star, / and in my net, during the night, / I wake up naked, / the only thing caught : a fish / trapped inside the wind."

Bibliografia

ELIOT, T.S. (1948) - Notes Towards the Definition of Culture. London: Faber and Faber

CAPRA, Bernt (1990) - Mindwalk [Vídeo].[s.l.]: Blue Dolphin Film and Video. Based on the book The Turning Point by Fritjof Capra.

JENKS, Chris (1993) - Culture. London and New York: Routledge.

KROEBER, A.L ; KLUCKHOHN, Clyde (1952) - Culture. A critical review of concepts and definitions. Cambridge, Massachussets, U.S.A: Harvard University.

MARQUES, Soromenho (1991) - Direitos Humanos e Revolução. [s.l]: Colibri.

STEINER, George (1972) - In the Bluebeard's Castle Notes Towards a Re-Defintion of Culture. London; Faber and Faber.

21st ANNUAL MEETING OF THE APEAA

VISEU 6th - 8th APRIL 2000